

TRADIÇÃO E RUPTURA NO DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES: RELAÇÕES FAMILIARES EM MEIO SOL AMARELO E HIBISCO ROXO DE CHIMAMANDA ADICHIE

Jéssica Kelly dos Santos Hermínio¹
Paloma Mahely da Silva Ribeiro²
Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo³

RESUMO

O presente artigo consiste em uma análise literária de dois romances da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a saber: *Hibisco roxo* e *Meio sol amarelo*. A elaboração do texto tomou como aporte teórico a crítica psicanalítica para observação do seguinte questionamento de pesquisa: de que forma as relações intersubjetivas construídas em ambos os romances são representações da transmissão psíquica de valores e por conseguinte do diálogo entre gerações? Os resultados obtidos apontam que as narrativas, através de sua construção sógnica, configuram diferentes arranjos que representam de maneira bastante significativa os processos de transmissão dialógica entre as gerações, ora pelo viés da experiência compartilhada materialmente, ora pelo viés discursivo da palavra escrita. A referida pesquisa vem sendo realizada, via programa institucional de fomento do IFPB. A natureza do estudo é qualitativa e bibliográfica, tendo em vista que são tecidas considerações sobre as relações do texto literário com a sociedade, a partir de leituras de obras literárias e estudos culturais.

Palavras-chave: Tradição, Diálogo entre gerações, Literatura, Psicanálise, Chimamanda.

INTRODUÇÃO

As narrativas modernas engendradas no contexto contemporâneo têm contemplado os mais variados temas e motivos no processo de escrituração do texto literário; especialmente àqueles ligados aos contrastes sociais vivenciados por sujeitos identificados com grupos de minorias.

Contudo, como nos leva a pensar Paul Ricoeur (2007, p. 93), a mímese em literatura não diz respeito apenas a esta base prefigurada de realidade, mas também da configuração e da refiguração que se fabricam a partir desse primeiro contato com o real, transformando-o a partir das relações intersubjetivas estabelecidas entre autor/texto/leitor.

É neste sentido, como nos assegura Valdés, que compreendemos as metáforas literárias quando conseguimos processar a forma pela qual a ação, os objetivos, os planos humanos, as

¹ Estudante do Curso Técnico em Edificações do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, kelly.jessica184@gmail.com;

² Estudante do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, palomamahely.ribeiro.04@gmail.com;

³ Professora efetiva do IFPB. Orientadora do Projeto Leituras literárias contemporâneas e crítica de gênero: signos de empoderamento, solidariedade e empatia na escrita de Chimamanda Ngozi Adichie: Mestre em Literatura e Interculturalidade, pela UEPB. E-mail: zuila.araujo@ifpb.edu.br.

iniciativas, as intenções, a interação, a queda e a ascensão de destinos pessoais; juntos e imbricados, constituem a invenção semântica peculiar ao modo narrativo (Cf.: VALDÉS, 1996, p. 152)

Dessa forma entendemos que as narrativas literárias modernas se apresentam como *locus* em que se estabelece o jogo entre identidades, a saber: a identidade do autor, do texto e do leitor, ou mais ainda a identidade das personagens, do narrador, etc. Sendo por isso o lugar primordial do reconhecimento e da negociação entre subjetividades e alteridades.

Ao evidenciarmos este aspecto, estamos também contemplando a possibilidade de diálogo entre gerações que se coloca a partir da atividade literária; afinal ao entrarmos em contato com os textos literários deparamo-nos com as mais variadas formas de relacionamento entre pais e filhos, mães e filhas, avós e netos, irmãos e tios; ou ainda se ampliarmos a abrangência do termo, entre escritores e seus influenciadores antepassados, entre textos de épocas diferentes, ou seja, entre sujeitos e todas as suas possíveis gerações.

Em nosso trabalho, pretendemos ressaltar as peculiaridades do diálogo que se instaura entre as personagens de dois romances da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie nas obras *Meio sol amarelo* (2008) e *Hibisco Roxo* (2011), a partir de um enfoque psicanalítico, percebendo o diálogo não apenas do ponto de vista da interação linguística, mas ainda mais como forma de se fazer presente no outro, de fazer transitar entre sujeitos distintos um mesmo discurso.

METODOLOGIA

O texto apresentado neste trabalho constitui um recorte da pesquisa que vem sendo realizada, via programa institucional de fomento à prática de pesquisa no IFPB. A natureza do estudo é qualitativa e bibliográfica, tendo em vista que são tecidas considerações sobre as relações do texto literário com a sociedade, a partir de leituras de obras literárias e estudos culturais.

Para elaboração deste trabalho, foram seguidas três etapas distintas: a delimitação do *corpus* de pesquisa a partir da leitura da produção literária ficcional da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que conta com as seguintes obras: *Hibisco Roxo*, *Meio sol amarelo*, *No seu pescoço* e *Americanah*; tendo sido selecionadas para este trabalho, as duas primeiras obras, tendo em vista a abundância e complexidade das relações intersubjetivas, especialmente àquelas de natureza familiar, representadas pela autora nos dois romances.

A segunda parte, realizada de forma concomitante à leitura da obra, consistiu em um estudo biográfico acerca da escritora, compreendendo as particularidades de sua escrita como

marcas de um sujeito que se inscreve no discurso no intuito de alcançar determinada intenção comunicativa.

A terceira e última etapa do trabalho teve como foco principal a análise literária das obras, à luz de uma crítica de base psicanalítica, começando pela caracterização das personagens e passando pelas relações que estas constroem durante o desenvolvimento das narrativas, para a partir desses elementos buscar uma compreensão mais ampla das relações estabelecidas no diálogo entre as gerações.

DESENVOLVIMENTO

O diálogo entre gerações proposto como temática fulcral nos direcionou para uma abordagem psicanalítica das relações intersubjetivas entre adultos e crianças, em nosso caso mãe e filha, em virtude das possibilidades interpretativas abertas a partir deste olhar. Comungamos com o pensamento de Joachin (2009, p. 1) ao afirmar que:

A Psicanálise preenche, portanto, o lugar de um importante recurso hermenêutico do que uma pesquisa entre gerações deve lançar mão de todas as vezes que for necessário na interpretação dos personagens, dos comportamentos, das situações, dos enunciados e enunciações, dos gestos, tons, silêncios.

Partindo de tal opção metodológica, entendemos que é preciso que definamos e delimitemos a abrangência e a aplicabilidade de determinados conceitos da psicanálise que se apresentam como fundamentais para a fundamentação de nossa atividade analítica. De início, pensemos no conceito de transmissão. Norteados pelo dizer de Trachtenberg, tomamos o termo transmitir no sentido de fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa a outra, de um grupo a outro, de uma geração a outra.

Em segundo lugar, é preciso que façamos a distinção do termo transmissão psíquica, que é a influência que se passa de uma geração a outra. Essa pode ocorrer de duas maneiras distintas, as quais: transmissão psíquica intergeracional, que acontece entre as gerações, mantendo-se distância entre transmissor e receptor, preservando-se as bordas da subjetividade; e transmissão psíquica transgeracional, que ocorre através dos sujeitos e das gerações. Para nós interessa esta última definição, tendo em vista que nossa análise toma como objeto as relações intersubjetivas familiares, ou seja, aquelas em que os sujeitos estão diretamente envolvidos no

processo de transmissão, não havendo espaços entre transmissor e receptor (Cf.: TRACHTENBERG, 2004, p. 135).

Ao pensarmos sobre a temática da transmissão transgeracional, estamos propondo uma possibilidade de compreensão do sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais, que tanto o enriquecem como podem torná-lo prisioneiro de uma história que não é a sua. Nesse sentido a transmissão transgeracional nunca é passiva: existe sempre um processo ativo, ela deixa sua marca no sujeito através de complexas operações de reinscrição e transformação que serão sempre únicas, singulares.

É justamente este processo que permite a cada geração situar-se em relação às outras, bem como inscrever cada sujeito em uma cadeia como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Entretanto, nos textos de Chimamanda, encontramos exatamente em outro extremo, no qual o herdado é apenas acatado, sem elaboração, e por isso podemos afirmar que neste caso o herdado adquire então, o status de um destino a cumprir (Cf.: PIVA, 2006, p. 137).

Neste caso, dizemos que a transmissão psíquica geracional, observando-se do ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações, ocorreu de forma defeituosa, ou ainda, foi interrompida; já que as histórias de seus personagens estão colapsadas, coladas umas às outras. De toda esta discussão o mais importante é que se entenda que a transmissão psíquica transgeracional se realiza através da transmissão de conteúdos não-ditos, não-nomináveis e não-representáveis de uma geração a outra, sendo estas subsequentes ou intercaladas; não é necessário que o outro fale, ensine, mas é na própria troca intersubjetiva que se instaura a transmissão. Desta maneira, lacunas, vazios e mal-entendidos irão ocorrer nos processos de transmissões psíquicas inconscientes, ocasionando uma série de repetições e tentativas de elaboração destes conteúdos impossíveis de serem simbolizados por não terem palavras (Côrrea, 2000, p. 38; Granjon, 2000, p. 55).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como as outras obras da autora, *Hibisco Roxo* e *Meio Sol Amarelo* são escritos em forma de romance e trazem uma narrativa que mostra o cotidiano, a cultura e as dificuldades do povo nigeriano. Em *Hibisco Roxo*, é possível identificar o entrecruzamento de duas histórias: uma delas, sobre a família da jovem adolescente Kambili, protagonista e narradora do romance. A outra, sobre as consequências da colonização da Nigéria, tendo o cristianismo sequestrado a cultura ancestral e embranquecido a elite. É interessante notar a opção narrativa

feita pela autora, pois emboa haja a representação do personagem Eugene, como um líder político; toda a realidade política da Nigéria é vista sobre o olhar intimista de Kambili. Ao observar as duas obras, é possível constatar que ambas se configuram em torno das relações familiares, inclusive mostrando o quanto elas são influentes na formação do indivíduo.

- Os missionários brancos trouxeram seu deus para cá – disse Amaka. – Um deus da mesma cor que eles, adorado na língua deles, e empacotado nas caixas que eles fabricam. Agora estamos levando esse Deus de volta para eles, não devíamos pelo menos empacota-los em outra caixa? (ADICHIE, 2011, p. 281)

Podemos afirmar que a transmissão geracional não consiste em uma mera reprodução do passado, na verdade ela constrói possibilidades para o presente e também as lança para o futuro. Para entender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos se faz crucial compreender como se desenvolveram as relações entre os sujeitos identificados com essa cultura. Para Arias (2002), a cultura não é algo dado, é uma herança que vem de uma construção social. Subentende-se que essa cultura é construída a partir das inter-relações sociais.

O estudo dessas obras nos permite conhecer, através de representações literárias, as raízes da história daquele povo, assim como observar a influência dessas relações na construção do indivíduo. A Nigéria é um país do continente africano que foi colonizado pelo continente Europeu. Como sempre, quando um país coloniza outro, acaba impondo sua cultura e subjugando as identidades locais. A Europa é um continente em que há uma hegemonia da religião cristã, assim como há a supervalorização do branco em detrimento do negro.

Na obra Hibisco Roxo, Eugene, pai e chefe da família, representa a elite negra embranquecida e o capitalismo em sua forma avassaladora de destruição das culturas tradicionais. Aprendeu, ainda jovem, com os missionários, que o catolicismo tradicional é que alcança a Deus e que prega a verdade e por isso dá as costas para a família “pagã”, além de trazer consigo todo tipo de preconceito, como o entendimento de que o branco é mais civilizado que o negro e de que a mulher deve ser submissa ao homem. Suas ações constituem-se como reflexo dessas ideias. Ele não permite que sua família fale em Igbo por ser uma língua nativa que os faz parecer menos civilizados que os brancos. Age com sua família de forma cruel, violenta, exigente e metódica não aceitando nenhum tipo de questionamento por parte deles, de tal forma que a família tem cada momento do seu dia controlado, nunca sendo livres para serem espontâneos e fazerem o que estiverem sentindo vontade. Dessa forma as crianças nunca foram

realmente livres para se expressarem, a esposa nunca pode opinar, nenhum podia desobedecer, afetando em diversos aspectos, a vida de todos no ambiente familiar.

As coisas começam a mudar na cabeça dos filhos de Eugene quando a tia Ifeoma, irmã de Eugene, também católica, convida os sobrinhos para passar um tempo com ela e seus filhos. A relação de Ifeoma com os seus filhos é o oposto da realidade da família de Eugene. Ifeoma traz o retrato do empoderamento, sororidade, empatia e emancipação da mulher. No trecho a seguir, Ifeoma provoca Beatrice (esposa de Eugene) a enxergar o quão errado é o comportamento do marido:

"Mas você sabe que o Eugene briga com as verdades das quais ele não gosta. Nosso pai está morrendo, ouviu bem? Morrendo. Ele é um homem velho, quanto tempo tem de vida, gbo? Mas Eugene não o deixa entrar nesta casa, se recusa até a falar com ele. O joka! Eugene tem que parar de fazer o trabalho de Deus. Deus é grande o suficiente para fazer seu próprio trabalho. Se Deus for julgar nosso pai por escolher o caminho de nossos ancestrais, então Ele que faça o julgamento, não Eugene." (ADICHIE, 2011, p. 105)

Beatrice sofre diversos tipos de violências todos os dias dentro da própria casa e na frente dos filhos, nos fazendo observar a ação negativa do patriarcado que muitas vezes passa despercebida. Para Saffiotti (2004), o patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Essa primazia é vista em repetidas vezes na obra. Beatrice é totalmente dependente das decisões do marido para realizar coisas banais, como comer antes de ir a missa e até sorrir ou falar. Isso tende a ser transmitido para sua filha Kambili, no entanto, ela consegue ser a única sobrevivente da destruição provocada pela crença dos brancos.

"Fiquei deitada na cama depois que Mama foi embora, deixando minha mente remexer o passado, pensando nos anos em que Jaja, Mama e eu falávamos mais com nosso espírito do que com os nossos lábios. Até Nsukka. Nsukka começou tudo; o jardinzinho de tia Ifeoma: rara, com o cheiro suave da liberdade, uma liberdade diferente daquela que a multidão, brandindo folhas verdes, pediu na Government Square após o golpe. Liberdade para ser, para fazer." (ADICHIE, 2011, p. 22)

A convivência entre a família de Ifeoma e Beatrice e também entre as duas, tem um papel importantíssimo no desfecho da história. Além de abrir os olhos de Beatrice, é através do amor da família da tia pelo avô que Kambili e Jaja se reaproximam do ancião. Eles agora o percebem não mais como elemento perigoso por professar uma crença diferente. Enfim, se torna um ser humano, integrado à família, deixando-os mais perto da cultura de que foram alienados. Através da paixão pelo padre Amadi, Kambili sofre uma transformação profunda. Seu irmão,

Jaja, ao ter contato com a família da tia e com a liberdade dos primos, rebela-se contra as imposições ditadas pelo pai. É Kambili, com a paixão inesperada, que revoluciona. Ela transgredir a ideia de pecado que Eugene introjetou na família durante toda a sua vida. A emoção intensa pelo outro idealizado leva Kambili a amadurecer e ser o sustento de sua família, quando todos já estão destruídos pela intolerância de Eugene.

Em Meio Sol Amarelo, a história se passa durante a guerra civil que aconteceu entre 1960 e 1970. A guerra que estes personagens, de etnia igbo (exceto um deles), presenciaram ocorreu, resumidamente, por causa de disputas étnicas entre os povos Igbo e Hauçás. Nesse tempo, a Nigéria tinha acabado de ser emancipada, mas ainda enfrentava dificuldades com a herança colonial, na qual se constatava uma grande diversidade étnica que dificultava a acomodação pacífica de todos. Somando-se a isso, o cenário político estava instável assim como a economia. Dessa forma os habitantes do sudoeste, os Igbos, fundaram a república de Biafra e as batalhas giraram em torno de reintegrar esta república à Nigéria. O livro narra o lado igbo, inclusive, o título do livro faz referência a bandeira de Biafra, com seu meio sol amarelo. Contudo, como toda guerra, os conflitos políticos gerados pela ganância humana, acabam se refletindo de maneira devastadora sobre todos e sobre a vida dos personagens, que padecem e amadurecem no decorrer de toda história, como pessoas, como família, como mulher e aprendem a lidar com a lealdade e as traições.

Chimamanda consegue abordar através da história dos personagens diversas temáticas, que com uma riqueza de informações e fatos, fala sobre o antes, o durante e o depois da guerra na Nigéria.

O livro: O mundo estava calado quando nós morremos

Ele escreve sobre fome. A fome foi a arma de guerra da Nigéria. A fome quebrou Biafra, trouxe fama a Biafra e fez Biafra durar o tempo que durou. A fome fez os povos do mundo repararem (...) e fez os pais do mundo todo dizerem aos filhos para raspar o prato (...) A fome ajudou a carreira dos fotógrafos. E a fome fez a Cruz Vermelha Internacional chamar Biafra de sua maior emergência, desde a Segunda Guerra Mundial. (ADICHIE, 2008, p. 276-277)

Isto é enaltecido nas discussões desses personagens, que aparecem no centro da narrativa: a casa de Odenigbo e Olanna em Nsukka. Odenigbo é um personagem que se mostra sedento pela independência nigeriana e outras causas sociais e é bem visto na universidade em que trabalha como professor, por ter uma voz firme e ativa sobre o que acredita.

Olanna surge de uma realidade diferente, com a qual não se identifica, sendo ela descendente da classe alta do país, uma vez que seu pai é um empresário renomado. Em

contraponto aos dois, surge a figura de Ugwu, o jovem servo do casal, que veio de um vilarejo pobre e dá início a sua nova vida na casa dos patrões logo nas primeiras páginas do livro. Os três personagens citados, juntamente com Kainene, irmã de Olanna e sucessora dos negócios de seu pai, e Richard, um jovem escritor europeu que também é namorado de Kainene, compõem os cinco personagens principais e contam a história de seus pontos de vista individuais.

As irmãs, gêmeas não idênticas, Kainene e Olanna, embora tenham vindo de um berço em comum, têm perspectivas e modos de avaliar situações da vida diferentes, mas como semelhança, mantêm seus relacionamentos amorosos com desaprovação pelos pais, o que causa diversas discussões entre a família.

O livro se divide em três períodos: antes, durante e depois da guerra, narradas por Ugwu, Olanna e Richard, que são personagens de origens e educação totalmente diferentes, sendo Olanna e Ugwu de origem Igbo e Richard europeu. Essas narrações pincelam as críticas políticas, mas mostram, principalmente, como a guerra afetou o modo como essas pessoas viviam.

A primeira parte, mostra a vida abundante, tranquila, confortável e feliz que o casal Olanna e Odenigbo levava, e a chegada de Kainene na vida do jovem europeu que procura escrever sobre o povo Igbo e mais tarde vem a se tornar seu namorado, vai sendo lentamente substituída pelas necessidades da guerra que engolfa todos os personagens. A história trata também de traições entre os personagens. A mãe de Odenigbo não aceita que o filho se envolva com Olanna, pela noção patriarcal enraizada de que a mulher deve cuidar da casa e dos filhos e não estudar ou trabalhar.

“E, para completar, os pais mandaram ela estudar na faculdade. Por quê? Muito estudo acaba com qualquer mulher, todo mundo sabe disso. Faz ela ficar com a cabeça inchada e aí começa a insultar o marido. Que tipo de mulher ela vai ser, me diga?” A mãe do patrão ergueu uma ponta dos panos para enxugar o suor da testa. “Essas moças que fazem faculdade vão atrás dos homens até ficar com o corpo inútil. Ninguém sabe se ainda podem ter filhos. Você por acaso sabe? Por acaso alguém sabe?” (ADICHIE, 2008, p. 119)

Ela faz de tudo para que eles não permaneçam juntos e incita, na ausência de Olanna, que Odenigbo durma com a sua criada Amala. Dessa traição nasce Baby, que acaba sendo criada por Olanna, porque a mãe a rejeita. Entretanto, dessa traição nasce outra ainda mais dramática. Olanna acaba se envolvendo com Richard, namorado de Kainene. Quando descobre, Kainene passa ignorar a existência de Olanna, que sofre muito com isso. Olanna sempre

considerou a irmã como um exemplo de empoderamento e o rompimento dessa relação a deixou abalada. Kainene por sua vez, seguia mantendo os negócios do pai e ignorando as críticas à sua “ausência de feminilidade”.

A história trata também da relação de Olanna com outra parte de sua família, que não tem as mesmas condições financeiras que ela. Na visita que Olanna faz a eles, se sente mal e incomodada com a situação de pobreza e vulnerabilidade em que eles se encontram e faz o possível para não transparecer isso.

“Olanna gostaria de pôr o banco mais junto da porta, mais perto do ar fresco. Mas não queria que tia Ifeka, ou Arize, ou mesmo a vizinha, soubessem que a fumaça irritava seus olhos e sua garganta, ou que ovos de barata a deixavam nauseada. Ela queria parecer acostumada a isso tudo, a essa vida.” (ADICHIE, 2008, p. 55)

No entanto, é nessa visita que enxergamos o diálogo entre as gerações e a ruptura dos ideais misóginos. Olanna e sua tia Ifekka, conversam sobre a relação entre ela e Odenigbo e subjetivamente abordam a emancipação da mulher, enaltecendo o empoderamento feminino e a sororidade. Já no diálogo entre Olanna e sua prima Arize, a autora mostra que a mulher também pode escolher o que fazer da sua própria vida, quando Olanna pergunta porque Arize não continua os cursos de costura e ela diz que prefere constituir uma família. A interpretação desse diálogo é rica a partir de um olhar feminista.

Quando seu tio se casou comigo, fiquei preocupada, achando que todas aquelas mulheres de fora acabariam me tirando de casa. Agora sei que nada do que ele possa fazer vai mudar minha vida. Minha vai mudar se eu quiser que ela mude.”

(...)

“Você nunca deve se comportar como se a sua vida pertencesse a um homem. Ouviu bem?”, disse tia Ifeka. “A sua vida pertence a você e só a você, soso gi”. (ADICHIE, 2008, p. 263-264)

A segunda parte, retrata o auge da guerra que massacrou milhares de civis e levou ao deslocamento de outros milhares para o sul do país. Isso é descrito nos relatos de Richard que começou a escrever sobre a guerra da Biafra após muito tempo procurando algo que lhe proporcionasse o prazer da escrita. Olanna e Odenigbo, apesar de sua condição econômica privilegiada, escolheram permanecer e resistir pela Biafra, vivendo em campos de refugiados, improvisando abrigos anti-bomba e enfrentando toda sorte de privações. De forma

surpreendente, Kainene também o faz, usando de suas habilidades escusas de barganha para manter sua família e amigos vivos.

No desfecho da narrativa é possível sentir a mudança e crescimento de cada personagem e se sensibilizar com eles. Olanna e Odenigbo voltam para sua casa em Nsukka, ainda devastados pelas mágoas e perdas, inclusive da família da tia de Olanna, tão querida por ela. Os laços de Ugwu com a família, faz com que ele se torne um amigo íntimo e mais tarde, graças a todas as oportunidades criadas, e ao desenvolvimento do personagem durante a história em todos os cenários promovidos, faz com que ele se torne escritor e use de toda sua experiência para contar, conscientizar e sensibilizar leitores nigerianos que precisam ainda se descobrir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve reflexão que propomos a partir da análise de dois romances da escritora Chimamanda Adichie, intentamos aguçar o diálogo a partir da observação das relações intersubjetivas no âmbito familiar, como lócus da transmissão psíquica transgeracional.

Ao longo das leituras aqui empreendidas foi possível observar um traço comum no que diz respeito ao processo de transmissão psíquica entre as gerações: as narrativas, através de sua construção sígnica configura diferentes arranjos que representam de maneira bastante significativa os processos de transmissão dialógica entre as gerações, ora pelo viés da experiência compartilhada materialmente, ora pelo viés discursivo da palavra escrita.

Obviamente, há muito ainda que ser dito sobre o tema, não apenas nas obras analisadas neste trabalho mas também em outros romances da escritora, nos quais é recorrente a presença de relações dialéticas que entrecruzam e constituem os sujeitos. Entretanto, nosso objetivo maior com este artigo foi provocar uma discussão que levasse em conta o texto literário como espaço de diálogo entre gerações e de configuração e refiguração das relações que se estabelecem entre os sujeitos e seus conflitos transgeracionais.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARIAS, P. G. (2002). **La cultura**. Estrategias Conceptuales para comprender a identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala.

GRAÑA, Roberto B.; PIVA, Angela B. S. **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2004.

JOACHIN, Sébastien. **Elementos de Psicocrítica**. MLI, Semestre II, 2009. Manuscrito.

KANCYPER, L. **Confrontação de gerações** - Estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIVA, Angela (Org.). **Transmissão transgeracional e a clínica vincular**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TRACHTEMBERG, A. R. C. **Transgeracionalidade**: de escravo a herdeiro: um destino entre as gerações. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2005.

VALDÉS, Mario J. Paul **Ricoeur e a teoria literária**. In: BITTENCOURT, Gilda (Org.) **Literatura comparada: teoria e prática**. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzzatto, 1996.